

A Mercantilização da Concepção, do Parto e da Amamentação: breve ensaio.

Larissa Mies Bombardi – Profª Deptº Geografia USP

Mãe de dois meninos: o mais velho, parto pélvico, natural, na maternidade. O mais novo, parto natural, na água, em casa.

Outro dia ouvi um programa no rádio que indicava que as mulheres deveriam congelar os óvulos para adiar o projeto da maternidade!! A jornalista, entrevistadora da CBN, maravilhada com a possibilidade – na entrevista que fazia com uma jovem obstetra – manifestou a satisfação em saber que podemos ter este “controle”!!

Acho que esta é a palavra que define este mundo moderno, mundo urbano-industrial-tecnológico: controle!!

Controle é a falsa sensação que nós, da cidade, do mundo urbano, da cosmologia do *Homus-urbanus*, temos!

Uma falsa sensação permitida pela luz elétrica e suas derivações; talvez a mais expressiva hoje seja a internet. Num clique, tem-se a sensação de percorrer o *Google Earth* para qualquer ponto do planeta, sendo que na verdade *podemos nunca estar lá ...*

Diferentemente dos camponeses, habituados que estão com os ciclos da natureza, com o dia e a noite (quando faz realmente diferença nas atividades cotidianas o fato de se estar escuro ou claro – quando se rege as atividades em função da luminosidade, quando marcam compromissos em função da posição do Sol e não da hora do relógio), vivemos como se tivéssemos o “controle” da vida, ficamos “seguros” com a ideia de controle.

Sim, nós, ao contrário dos camponeses, homens e mulheres da cidade, afastamos de nosso cotidiano o tempo cíclico, a velhice, a doença, a morte, enfim, seguimos nos enganando sobre nossa limitadíssima capacidade de controle!

Fiquei pensando nesta sociedade industrializada, que por princípio, transforma tudo quanto possível em mercadoria – este é o princípio do capitalismo – bem, fiquei pensando o drama que é transformar os momentos mais solenes, mais milagrosos da natureza humana, na verdade, da natureza humana feminina em mercadoria!!

Hoje a concepção pode ser industrializada, pode ser envidraçada, “in vitro”, não é? Faz parte do pacote também que seja “congelada”, que seja mecanicamente controlada, que seja eletronicamente controlada, enfim, a concepção foi mercantilizada.

A maravilha da concepção – pois, sim, pode ser maravilhosa, há povos que traduzem em obras de arte a possibilidade de libertação espiritual através da relação sexual – pode ser, foi e está sendo “artificializada”.

Claro que não nego o ganho que pode significar para alguns casais a possibilidade de gerar um filho, que de outra forma não seria possível.

O que questiono é a banalização e a mercantilização da concepção! Há preços, há clínicas especializadas, há “pedigrees” de médicos e de clínicas especializadas, há inclusive tabela de preços para a quantidade de tentativas ...

Sim, trata-se de mercantilização da concepção! Nada de saúde pública, é claro ... Mais um milagre da tecnologia em favor da humanidade, ou seria, em favor do comércio da reprodução Humana? E, não mais – e apenas – para “casais potencialmente inférteis”, mas para o “controle” da mulher moderna, para a “segurança” da mulher!

Puxa, é claro, este é o binômio da modernidade: controle-segurança. Andam juntos, dirigem a vida cotidiana!

O segundo passo na mercantilização da vida fértil feminina, ou mais, da vida sexual feminina, é o do parto...

Momento milagroso é o de dar à luz!

É uma dádiva, “dar à luz”, não por acaso utilizamos este verbo, como também “dar de mamar”, porque se trata mesmo de dar, de doação e, ao mesmo tempo, de receber a dádiva do universo que é poder dar à luz, parir, amamentar.

Uma dádiva das mulheres! Uma dupla dádiva!

Nós mulheres milagrosamente recebemos esta dádiva, esta missão do universo e, ao darmos à luz, nos dadivamos a nós próprias com a força que conquistamos e, também, dadivamos nossos filhos, trazendo-os ao mundo!

Talvez, então, seja uma tripla dádiva, ou ainda, uma dádiva múltipla! É o mistério da natureza se realizando em nós mesmas!

Pois bem, também esta dádiva está sendo industrializada, mecanizada e, ainda, mercantilizada!

Também o parto foi transformado em mercadoria! Transformado em cirurgia!

Então, as mulheres não “precisam” mais conceber naturalmente e, também, não “precisam” mais dar à luz naturalmente.

Para que? Que tal a cirurgia!? Que dá controle ao médico! E, “aparentemente” segurança e controle à mãe! Que, claro, preferirá ter a barriga cortada do que sua vagina cortada – à luz de holofotes – na direção de mais de dois pares de olhos em partos “a-normais”.

Obviamente não há que se questionar as cesáreas necessárias, que salvam vidas! Isto sim é conquista da humanidade, mas há sim, que se questionar as eletivas!

Sim, novamente o controle!

A maravilha do controle através da tecnologia! A falsa sensação de controle ...

A perda do êxtase de poder conceber e poder dar à luz. O fantástico descontrolar-se ao dar à luz!

A perda do milagre dadivoso da natureza feminina ... não por acaso, utilizamos esta palavra – natureza – no feminino ...

A perda da tremenda solenidade e empoderamento de dar à luz com as próprias forças!

A transformação do parto, ele mesmo, em mercadoria!

Para completar o tripé da mercantilização da maternidade: a amamentação artificial!

A mulher, novamente, não “precisa” amamentar, há leites artificiais “próprios” para os bebês! Para que ficar “amarrada” ao bebê? A amamentação pode ser artificial e, mais, pode ser feita por alguém que não a mãe! Maravilha, não é!?

O controle! O controlar o peito! O controlar o horário ...

A perda da delícia do descontrole ao amamentar ...

A perda da delícia de estar agarrada ao filho...

Que tristeza abrir mão e perder de novo a dádiva que é aleitar o próprio filho! Tristeza – sob os mais diferentes aspectos, o da saúde inclusive – de perder a possibilidade desta troca única e singular que é a amamentação.

A mulher destituída de formas ancestrais de empoderamento que traduzem a especificidade do feminino no universo!!

Esta especificidade do feminino está relacionada à dádiva! Perdemos nossa capacidade singular de sermos dadivosas como a natureza e, mais, e pior, perdemos a chance de ao sermos dadivosas recebermos ao mesmo tempo a dádiva que nos transforma em mulheres!

Em qualquer cultura tradicional – e ainda mesmo na nossa – sabemos que o status (enquanto lugar do ser na sociedade) de qualquer mulher muda com a maternidade.

Abrir mão de sermos autoras deste processo de transformação de nosso estar no universo é trazer para nós mesmas uma incompletude de realização.

Sim, somos potencialmente autoras de cada um destes momentos mágicos; mágicos, pois são estes momentos que trouxeram a humanidade à humanidade. Autoras porque sempre se trata de verbos: fazer amor, dar à luz, parir, dar de mamar, amamentar, maternar...

Deixarmos que nossas instâncias mais íntimas sejam mercantilizadas é abrir mão da potência do feminino! É abrir mão de viver a potência transformadora que cada uma destas instâncias nos traz.

É deixar que a “mão invisível do mercado” corrompa os momentos mais milagrosos, misteriosos e fortes da vivência feminina.

Pobre da mulher que – encurralada pelo medo que nos é imposto - podendo conceber, sonha com seus óvulos congelados; que, podendo dar à luz, sonha com a luz do bisturi e que, podendo amamentar, sonha com o brilho estranho das latas de leite artificiais vendidas nas farmácias!

Tragamos a concepção, o parto e a amamentação para nós mesmas!!